

# O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de *Zaratustra*”

Scarlett Marton\*

**Resumo:** No *Ecce Homo*, Nietzsche afirma que a concepção básica de *Assim falava Zaratustra* consiste no “pensamento do eterno retorno, essa fórmula suprema de afirmação a que se pode chegar”. Tomando como ponto de partida a análise das diferentes partes desse livro, contamos antes de mais nada definir o lugar que o pensamento do eterno retorno nele ocupa. Estabelecendo a relação desse pensamento com a noção de além-do-homem, o conceito de vontade de potência, o projeto de transvaloração de todos os valores e a ideia de *amor fati*, pretendemos examinar a maneira pela qual Nietzsche o concebe em *Assim falava Zaratustra*. Queremos, por fim, avaliar em que medida o pensamento do eterno retorno do mesmo consiste na mais alta aceitação do mundo tal como ele é. **Palavras-chave:** Zaratustra - eterno retorno - além-do-homem - vontade de potência - transvaloração dos valores - *amor fati*.

No *Ecce Homo*, interessando-se pela questão da compreensão de seus escritos, Nietzsche trata de seus livros publicados. Reconstitui, então, a gênese de *Assim falava Zaratustra*, examinando de perto as circunstâncias do nascimento do protagonista que quer apresentar a seus leitores assim como da mensagem que espera trazer-lhes. Propondo-se contar a história desse livro, afirma:

---

\* Professora Titular da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

Correio eletrônico: [smarton@usp.br](mailto:smarton@usp.br)

Marton, S.

A concepção básica da obra, “*o pensamento do eterno retorno*, essa fórmula suprema de afirmação a que se pode chegar”, - remonta a agosto do ano de 1881: foi lançada numa folha com o subscrito: “a 6000 pés acima do homem e do tempo” (*EH/EH*, Assim falava Zaratustra I, KSA 6.335)<sup>1</sup>.

Perguntar pelas razões que levaram Nietzsche a encarar desse modo o pensamento do eterno retorno é o que constituirá o fio condutor deste artigo. Tomando como ponto de partida a análise das diferentes partes de *Assim falava Zaratustra*, contamos definir o lugar que nele ocupa o pensamento do eterno retorno. Relacionando-o com a noção de além-do-homem, o conceito de vontade de potência, o projeto de transvaloração dos valores e a ideia de *amor fati*, esperamos em seguida elucidar esse pensamento tal como aparece formulado nesse livro. Persequimos, enfim, o propósito de avaliar em que medida ele consiste na mais alta aceitação do mundo tal como ele é.

## I.

*Assim falava Zaratustra* abre-se com o anúncio da transformação que o protagonista acaba de passar. Por dez anos, ele viveu na solidão de sua caverna e de sua montanha; “por fim, seu coração transformouse” (*Za/ZA I*, Prefácio 1, KSA 4.11). Anunciada nas primeiras linhas do prefácio e reiterada na seção seguinte, a transformação de Zaratustra, aos poucos, ganha clareza; sua causa então se explicita: ela reside no conhecimento da morte de Deus<sup>2</sup>. Traço essencial de nossa cultura, o dualismo de mundos foi invenção do pensar metafísico e fabulação da religião cristã. Desvalorizando este mundo em nome de outro, que seria essencial, imutável e eterno, a cultura

---

<sup>1</sup> Salvo indicação em contrário é de minha responsabilidade a tradução dos textos de Nietzsche aqui citados.

<sup>2</sup> Cf. *FW/GC* 125, KSA 3.480s, onde esse tema aparece pela primeira vez na obra de Nietzsche. Ele reaparecerá, depois da elaboração de *Assim falava Zaratustra*, no primeiro parágrafo do quinto livro da *Gaia Ciência* (*FW/GC* 343, KSA 3.573).

socrático-judaico-cristã é niilista desde a base. É a morte de Deus, pois, que tornará possível a Zaratustra fazer a travessia do niilismo. Se foi no mundo suprassensível que até então os valores encontraram legitimidade, trata-se agora de suprimir o solo mesmo a partir do qual eles foram colocados, para então engendrar novos valores. “Humanos, demasiado humanos”, os valores estabelecidos surgiram em algum momento e em algum lugar<sup>3</sup>. E, a qualquer momento e em qualquer lugar, novos valores poderão vir a ser criados. É a morte de Deus, pois, que permitirá a Nietzsche acalentar o projeto de transvalorar todos os valores.

Nas primeiras linhas de *Assim falava Zaratustra*, ao deixar sua caverna, o protagonista dirige-se ao sol. Depois de abrasar a terra, o astro tem de esconder-se; depois de saturar-se de sabedoria, Zaratustra tem de voltar ao convívio dos homens. Como o sol que se põe todos os dias no horizonte, ele tem de descer da montanha para o vale. Tendo evocado em sua descida a morte de Deus, chega à cidade; dirige-se então ao povo reunido na praça do mercado dizendo: “*Eu vos ensino o além-do-homem. O homem é algo que deve ser superado*” (Za/ZA I, Prefácio 3, KSA 4.14). É nessas circunstâncias que Zaratustra exorta seus ouvintes a permanecerem fiéis à Terra. Se outrora o maior delito era o cometido contra Deus, agora mais sacrílego ainda é delinquir contra a Terra. Se outrora a alma mostrava descaso pelo corpo, agora é o corpo que torna evidente a miséria da alma. Se outrora o homem, enquanto criatura em relação a um Criador, dava sentido ao que o cercava, agora ele não passa de ponte para o além-do-homem. É, pois, como anunciador do além-do-homem que Zaratustra se apresenta na quarta seção do prefácio:

Amo todos Aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem escura que pende sobre os homens: eles anunciam que o relâmpago

---

3 Em *Para-além de Bem e Mal* e na *Genealogia da Moral*, Nietzsche retomará essas ideias já presentes em *Assim falava Zaratustra*. Quanto à ideia de que os valores são “humanos, demasiado humanos”, cf. GM/GM, Prefácio 6, KSA 5.253.

vem, e vão ao fundo como anunciadores. Vede, eu sou um anunciador do relâmpago, e uma gota pesada da nuvem: mas esse relâmpago se chama o *além-do-homem* (Za/ZA I, Prefácio 4, KSA 4.18)<sup>4</sup>.

Em várias passagens da primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche se empenhará em elucidar como concebe essa noção. Na seção intitulada “Dos desprezadores do corpo”, o protagonista começa por dizer aos que desprezam o corpo que não deveriam inverter o que aprenderam ou ensinaram, mas apenas emudecer. O objetivo que persegue nessa seção consiste justamente em atacar a dicotomia entre corpo e alma e, por essa via, combater a ideia de um “eu”, de um sujeito que permanece o que é em sua individualidade. Enquanto concepções metafísico-religiosas, a alma e o eu, mas também o espírito, a razão e a consciência, inscrevem-se num mesmo registro teórico. Dessa perspectiva, toda e qualquer interioridade converte-se em mero instrumento e brinquedo do corpo. Lançando mão do procedimento genealógico, Zaratustra relaciona os valores com as avaliações que os engendraram: o desprezo que seus adversários têm pelo corpo decorre do apreço que nutrem pela alma. Em seguida, avalia as avaliações: nos desprezadores do corpo, é o si-mesmo [*Selbst*] que quer perecer, é o próprio corpo que quer desaparecer. Concluído o diagnóstico, ele reafirma sua distância em relação a seus adversários: “Não sigo o vosso caminho, ó desprezadores da vida! Não sois, para mim, ponte que leve ao além-do-homem!” (Za/ZA I, Dos desprezadores do corpo, KSA 4.41).

Retomando uma ideia bastante corrente nos escritos de Nietzsche, a da oposição entre a política e a cultura, Zaratustra dirige severas críticas ao Estado na seção intitulada “Do novo ídolo”. Então, sustenta a ideia de que “o mais frio de todos os monstros

---

<sup>4</sup>Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, doravante RRTF. Para uma análise mais completa do prefácio de *Assim falava Zaratustra*, remetemos ao nosso trabalho: MARTON, Scarlet. “Nietzsche et sa recherche d’interlocuteurs: une analyse du prologue d’*Ainsi parlait Zarathoustra*”. In: DENAT, C.; WOTLING, P. (orgs.). *Nietzsche. Un art nouveau du discours*. Reims: Épure, 2013, p.81-101.

frios” nada mais faz do que produzir o nivelamento dos indivíduos, suprimindo as singularidades e as diferenças. O Estado privaria todos os que a ele se acham submetidos da capacidade criadora e do espírito crítico. Mas, para as grandes almas que ainda podem ter uma vida livre, o protagonista anuncia o que está por vir: “Lá onde o Estado *cessa*, olhai, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e as pontes do além-do-homem?” (*Za/ZA I, Do novo ídolo, KSA 4.64*).

Zaratustra apresenta-se ainda uma vez como o anunciador do além-do-homem na seção intitulada “Dos mil e Um alvos”. Mostrando que os valores são “humanos, demasiado humanos”, ele lhes atribui uma proveniência e uma história. Assim, destrói o solo a partir do qual até então eles haviam sido estabelecidos. Combatendo o dualismo de mundos, faz desmoronar a interpretação imposta pelo pensamento metafísico e pela religião cristã. Mas Zaratustra bem sabe que a mutação dos valores exige antes “a mutação daqueles que criam”. Concebendo a transvaloração de todos os valores como uma obra análoga à dos legisladores, pensa que, para tanto, será preciso encarar o homem de outra maneira. É somente com o além-do-homem que será possível transvalorar todos os valores. Zaratustra anuncia, então, aquele que está por vir e conclui seu discurso dizendo:

Mil alvos houve até agora, pois mil povos houve. Apenas falta, ainda, a rédea para as mil nucas, falta o alvo único. Ainda a humanidade não tem um alvo. Mas disse-me, meus irmãos: se à humanidade ainda falta o alvo, também não lhe falta ainda - ela própria? (*Za/ZA I, Dos mil e Um alvos, KSA 4.75, trad. RRTF*).

Na seção intitulada “Da virtude que dá”, a última da primeira parte do livro, despedindo-se de seus discípulos, Zaratustra é presenteado com um bastão, em cujo castão de ouro há uma serpente enrolada em torno de um sol. Uma vez que o sol é a imagem da virtude suprema, esse presente ressalta a atitude que o próprio Zaratustra adota; esse presente evidencia que ele se apresenta como doador da

própria sabedoria. Dessa perspectiva, o prefácio e os discursos que a ele se seguem, considerados em conjunto, exibem um movimento circular: começam e terminam com a ideia de excesso. Mas o presente que Zaratustra recebe também revela a tarefa que assume. É enquanto médico das enfermidades deste mundo que ele se apresenta; é o cetro de Esculápio que seu bastão evoca. Se a morte de Deus torna possível a Zaratustra fazer a travessia do niilismo, ela também lhe permite encarar o projeto de transvaloração de todos os valores. Exortando seus discípulos a permanecerem fiéis à Terra, ele os incita a contribuir para tornar possível o além-do-homem: “*Mortos estão todos os deuses; agora queremos que o além-do-homem viva!*” – que seja esta, uma vez, no grande meio-dia, nossa última vontade” (*Za/ZA I, Da virtude que dá 3, KSA 4.102*)<sup>5</sup>.

Os elementos reunidos até agora nos permitem elucidar a noção de além-do-homem tal como está formulada na primeira parte do livro<sup>6</sup>. O além-do-homem situa-se para além das velhas dicotomias da filosofia. Não se identifica com o sujeito, concebido como substrato que produz vários efeitos, desenvolve diversas atividades e possui certas propriedades; não se confunde com o eu, entendido como um todo independente, completo, idêntico a si mesmo, permanente e unitário. O além-do-homem não estará entre os indivíduos supérfluos, os muito numerosos; ele não virá para promover uma mudança política. Intimamente ligada ao projeto de transvaloração dos valores, a noção de além-do-homem indica a necessidade de uma completa subversão da cultura ocidental<sup>7</sup>.

---

5 Cf. também *Za/ZA I, Da virtude que dá 2, KSA 4.100s*, onde Zaratustra dirige uma exortação similar a seus discípulos: “Vós, os solitários de hoje, vós, os segregados, deveis ser um dia um povo; de vós, que vos elegestes a vós mesmos, deve surgir um dia um povo eleito – e, dele, o além-do-homem”.

6 Nietzsche evoca a noção de além-do-homem também em *Za/ZA I, Do pálido criminoso, KSA 4.45; Do amigo, KSA 4.72; Do amor ao próximo, KSA 4.78; Das mulheres velhas e jovens, KSA 4.85; Do filho e do casamento, KSA 4.92*.

7 No *Ecce Homo*, Nietzsche esclarece esse termo: “A palavra ‘além-do-homem’, como designação

Também estamos em condições de compreender melhor o projeto de transvaloração dos valores tal como aparece em *Assim falava Zaratustra*<sup>8</sup>. Incitando o povo reunido na praça do mercado a permanecer fiel à Terra, o protagonista vem indicar que, ao contrário do que o pensamento metafísico e a religião cristã pregam, não se deve tomar o mundo transcendente como sede dos valores. Encarando a transvaloração de todos os valores como um empreendimento ao mesmo tempo destruidor e criador na seção intitulada “Dos mil e Um alvos”, ele o associa diretamente a outra concepção de humanidade. Até agora foi o homem, concebido enquanto criatura em relação a um Criador, quem avaliou e, como fruto de sua avaliação, estabeleceu valores que desvalorizaram a Terra, depreciaram a vida, desprezaram o corpo. É preciso, pois, combater esses valores, para que surjam outros. Tornando-se criatura e criador de si mesmo, o além-do-homem prezará os valores em consonância com a Terra, com a vida e com o corpo<sup>9</sup>.

Se constatamos que a noção de além-do-homem ocupa lugar central na primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, não podemos deixar de nela também notar várias alusões ao pensamento do eterno retorno. Na primeira página do prefácio, já se encontram temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade. Então, é recorrente a

---

do tipo mais altamente bem logrado, em oposição ao homem ‘moderno’, ao homem ‘bom’, aos cristãos e outros niilistas – uma palavra que na boca de Zaratustra, do *aniquilador* da moral, se torna uma palavra que dá muito o que pensar -, foi, quase por toda parte, com total inocência, entendida no sentido daqueles valores cujo oposto foi apresentado na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo ‘idealista’ de uma espécie superior de homem, meio ‘santo’, meio ‘gênio’...” (EH/EH, Por que escrevo livros tão bons I, KSA 6.300, trad. RRTF).

<sup>8</sup> Para uma análise mais aprofundada do projeto de transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche, remetemos ao nosso trabalho: MARTON, Scarlett. “Nietzsche: la obra hecha y la obra todavía por hacer”. In: *Estudios Nietzsche* 2 (2002), p.181-203.

<sup>9</sup> Quando anuncia o além-do-homem ao povo reunido na praça do mercado, Zaratustra proclama: “O além-do-homem é o sentido da Terra. Que vossa vontade diga: seja o além-do-homem o sentido da Terra! Eu vos rogo, meus irmãos, *permanecei fiéis à Terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas” (Za/ZA I, Prefácio 3, KSA 4.14s).

ideia de excesso<sup>10</sup>, que virá a constituir elemento nuclear do conceito de vontade de potência; é sugerido o projeto de transvaloração dos valores<sup>11</sup>, que será determinante em diferentes textos do filósofo; é introduzida a noção de curso circular<sup>12</sup>, que se tornará central no pensamento do eterno retorno do mesmo.

Na seção intitulada “Das três transmutações”, reaparecem temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade. Submetendo-se ao que considera transcendente, obedecendo aos valores estabelecidos, suportando a vida como um fardo bem pesado, o espírito torna-se camelo<sup>13</sup>. Mas, na solidão do deserto, o camelo converte-se em leão. Sua tarefa consiste em rebelar-se contra as diferentes formas da heteronomia; lutando contra o grande dragão que se chama “Tu deves”, a ele opõe o “Eu quero”. Enquanto espírito livre, revolta-se contra todo tipo de autoridade; capaz de sentir o grande desprezo<sup>14</sup>, ele representa a condição de possibilidade da transvaloração dos valores. E, no mais solitário deserto, o leão torna-se criança. “Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (*Za/ZA I, Das três transmutações, KSA 4.31*). A morte de Deus e a superação do niilismo tornam inútil a justificação do

---

10 Em *Assim falava Zaratustra I*, Prefácio 1, KSA 4.11, a ideia de excesso aparece nos termos “supérfluo” [Überfluss]; “farto” [überdrüssig]; “opulento” [überreich]; “transbordar” [überfließen].

11 Nessa mesma seção do prefácio a *Assim falava Zaratustra*, KSA 4.11, esse projeto se acha presente na aspiração de Zaratustra em presentear e partilhar sua sabedoria, “até que os sábios dentre os homens voltem a alegrar-se de sua doídice e os pobres, de sua riqueza”.

12 A noção de curso circular exprime-se nessa primeira seção do prefácio a *Assim falava Zaratustra*, KSA 4.11, através da imagem do sol que se põe e volta a surgir todos os dias.

13 Cf. *Za/ZA III, Do espírito de peso 2, KSA 4.243*, onde lemos: “Mas somente o homem é um fardo pesado para si mesmo! E isto porque carrega sobre os ombros demasiadas coisas estranhas. Igual ao camelo, ajoelha-se e deixa que o carreguem bem”. Sobre a figura do camelo, cf. também *GM/GM, III, 8, KSA 5.353*.

14 Cf. *Za/ZA I, Prefácio 3, KSA 4.15*: “Qual é a maior vivência que podeis ter? É a hora do grande desprezo”. Cf. também *Za/ZA I, Prefácio 4, KSA 4.17*, trad. RRTF: “Amo os do grande desprezo, porque são os do grande respeito, e dardos da aspiração pela outra margem”.



mundo; reconhecemos a inocência do vir-a-ser<sup>15</sup>. A eliminação do vírus corrosivo da culpa torna supérflua a preservação da memória, que nada mais faz do que associar dívida e castigo; admitimos o esquecimento<sup>16</sup>. Então, torna-se possível conceber o mundo e a vida de outra maneira e criar outros valores sobre novas bases; em suma, torna-se possível “um novo começo”. Aceitar o eterno retorno de todas as coisas, essa “roda rodando por si mesma”<sup>17</sup>, constitui “um primeiro movimento”. Aderir de modo incondicional a tudo o que advém, acolher o sofrimento como parte integrante da existência, abraçar o *amor fati*, é “um sagrado dizer-sim”<sup>18</sup> à vida.

## II.

É digno de nota que, na segunda parte de *Assim falava Zaratustra*, as alusões ao pensamento do eterno retorno se multiplicam, enquanto a noção de além-do-homem se torna cada vez mais rara. É bem verdade que, na seção intitulada “Nas ilhas bem-aventuradas”, Zaratustra se apresenta como o anunciador do além-do-homem. Associando essa noção à morte de Deus, ele incita seus discípulos a se manterem afastados do grande cansaço, do cansaço que leva a

---

15 Cf. *Za/ZA* II, Do imaculado conhecimento, KSA 4.157: “Onde há inocência? Onde há vontade de engendrar. E aquele que quer criar para além de si mesmo, tem para mim a vontade mais pura”.

16 Cf. *Za/ZA* III, A volta ao lar, KSA 4.233, onde de volta à sua caverna e à sua montanha, Zaratustra entretém-se com a solidão, dizendo-lhe: “Mas lá embaixo – é inútil todo falar! Lá, esquecer e passar ao largo é a melhor sabedoria: *isto* – agora, eu aprendi!” Cf. também *GM/GM*, I, 10, KSA 5.273.

17 Essa imagem reaparece na seção intitulada “O convalescente” 2, KSA 4.272, onde os animais de Zaratustra, a águia e a serpente, vêm lembrá-lo de que é o mestre do eterno retorno. Num dado momento, eles lhe dizem: “Tudo vai, tudo volta; eternamente roda a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce, eternamente transcorre o ano do ser”.

18 Cf. *Za/ZA* III, Antes do nascer do sol, KSA 4.208s, onde lemos: “Mas eu sou alguém que abençoa e diz-sim, quando estás ao meu redor, ó céu puro! Ó luminoso! Ó abismo de luz! - a todos os abismos levo ainda o meu sim que abençoa”. Cf. também *Za/ZA* III, Do grande anseio, KSA 4.278: “Ó minha alma, dei-te o direito de dizer não como a tempestade e de dizer sim como diz sim o céu aberto”.

abster-se de querer novos valores, determiná-los e criá-los. E conclui seu discurso, dizendo-lhes: “A beleza do além-do-homem chegou a mim como uma sombra. Ah, meus irmãos! Que me importam ainda – os deuses!”<sup>19</sup>.

Até agora tudo se passa como se a segunda parte do livro não trouxesse nada de novo em relação à noção de além-do-homem<sup>20</sup>. Nessa parte, é sobretudo a vertente crítica da filosofia nietzschiana que se faz presente. Zaratustra se põe a combater a crença em Deus, a compaixão, a religião, a vulgaridade, a ideia de igualdade, a vontade de verdade, o penitente do espírito, os homens contemporâneos, a contemplação, a erudição, a noção de imperecível, a ideia de revolução, o niilismo, o espírito de vingança<sup>21</sup>.

No entanto, seria preciso examinar de perto a seção intitulada “Da superação de si”. Nela, Zaratustra evoca uma vez mais a ideia de que é o anunciador do além-do-homem. Dirigindo-se aos mais sábios dos sábios, assevera que, com a superação dos valores que estabeleceram, terá lugar a criação de novos valores. E, à guisa de conclusão, afirma: “e que se despedace tudo o que em nossas verdades – possa se despedaçar! Muitas casas há ainda por construir!” (*Za/ZA II, Da superação de si, KSA 4.149*). Zaratustra retoma aqui uma ideia que já havia expresso, ao apresentar-se como o anunciador do além-do-homem na quarta seção do prefácio ao livro. Então, ele elencava todos os que desempenhavam o papel de anunciadores e, entre eles, notava: “Aquele que trabalha e inventa para construir a

---

19 *Za/ZA II, Nas ilhas bem-aventuradas, KSA 4.112*. Cf. também a seção Dos sacerdotes, KSA 4.112, onde criticando a maneira de proceder dos sacerdotes Zaratustra faz ver insiste na necessidade da morte de Deus.

20 Nietzsche também trata da noção de além-do-homem em *Za/ZA II, Das tarântulas, KSA 4.130*; *Dos poetas, KSA 4.164*; *Da prudência humana, KSA 4.183ss*.

21 Cf. respectivamente *Za/ZA II, Nas ilhas bem-aventuradas, Dos compassivos, Dos sacerdotes, Dos virtuosos, Da gentalha, Das tarântulas, Dos sábios famosos, Dos sublimes, Do país da cultura, Do imaculado conhecimento, Dos doutos, Dos poetas, Dos grandes acontecimentos, O adivinho, Da redenção*.

casa para o além-do-homem” (*Za/ZA I*, Prefácio 4, KSA 4.17, trad. RRTF). Mas a importância dessa seção é ainda maior, uma vez que ela introduz um conceito fundamental da filosofia nietzschiana da maturidade. À vontade de verdade que anima os mais sábios dos sábios, Zarathustra vem opor a vontade de potência. Então, ele relata o que a própria vida lhe confiou:

“Somente, onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – assim te ensino – vontade de potência! Muito, para o vivente, é estimado mais alto do que o próprio viver; mas na própria estimativa fala – a vontade de potência!” (*Za/ZA II*, Da superação de si, KSA 4.149, trad. RRTF).

Duas ideias exigem aqui a nossa atenção. Por um lado, Nietzsche identifica a vida à vontade de potência. Distanciando-se do seu antigo mestre, ele recusa o “querer viver” schopenhaueriano. Ao contrário dessa ideia, a noção de vida e o conceito de vontade de potência não são princípios transcendententes; a vida não se acha fora dos fenômenos e a vontade de potência não existe para além do ser vivo. Por outro lado, Nietzsche estabelece uma estreita relação entre as noções de vida e valor e, também, entre essas noções e o conceito de vontade de potência. Ele bem mostra que é a própria vida que estabelece valores; é a vontade de potência que avalia. Mais ainda, dá a entender que já entrevê um único e mesmo procedimento no domínio sócio psicológico e no domínio biológico. Além de contribuir para explicar os fenômenos biológicos, o conceito de vontade de potência constituirá parâmetro essencial na análise dos fenômenos psicológicos e sociais; ele será tomado como o critério de avaliação dos valores<sup>22</sup>.

---

22 Para uma exposição mais aprofundada dessa problemática, remetemos ao nosso trabalho: MARTON, Scarlett. “À la recherche d’un critère d’évaluation des évaluations. Les notions de vie et de valeur chez Nietzsche”. In: DÉNAT, C.; WOTLING, P. (orgs.). *Les hétérodoxies de Nietzsche. Lectures du Crépuscule des idoles*. Reims: Épure, 2014, p.321-342.

De fato, é na seção “Dos mil e Um alvos” da primeira parte de *Assim falava Zaratustra* que Nietzsche introduz na obra publicada o conceito de vontade de potência. Considerando que os valores são necessários para a vida dos povos e diferem de um povo para outro, Zaratustra afirma: “uma tábua dos bens está suspensa sobre cada povo. Vê, é a tábua de suas superações de si mesmo; vê, é a voz de sua vontade de potência” (*Za/ZA II, Dos mil e Um alvos, KSA 4.74*). Nietzsche retoma esse conceito na segunda parte do livro, de início na seção “Da superação de si” e, em seguida, na seção intitulada “Da redenção”. Indicando que a vontade de potência leva os homens a abolir culpa e castigo e a querer o que já aconteceu, Zaratustra afirma: “algo mais alto do que a reconciliação tem de querer a vontade, que é vontade de potência - mas como lhe acontece isso? Quem lhe ensinou ainda o querer-para-trás?” (*Za/ZA II, Da redenção, KSA 4.181*). Nas duas passagens, Nietzsche inscreve o conceito de vontade de potência no quadro de suas reflexões de ordem psicológica e social, encarando-o como a possibilidade de um povo superar-se a si mesmo ou de um indivíduo redimir a própria existência. No primeiro caso, ele entende a expressão *Wille zur Macht* como busca de precedência; no último, toma-a como elemento da doutrina do eterno retorno<sup>23</sup>.

Estamos, pois, em condições de afirmar que tanto na seção “Dos mil e Um alvos” da primeira parte do livro como nas seções “Da superação de si” e “Da redenção” da segunda parte, o conceito de vontade de potência sempre aparece ligado à noção de valor.

---

23 Será sobretudo no contexto de suas preocupações cosmológicas que Nietzsche estabelecerá, graças à teoria das forças, uma estreita relação entre o conceito de vontade de potência e o pensamento do eterno retorno do mesmo. Mas essa problemática em muito ultrapassa o âmbito deste artigo; por isso mesmo, nós nos permitimos remeter a nossos trabalhos anteriores: MARTON, Scarlett. “L'éternel retour, le temps et l'histoire”. In: BINOCHÉ, B.; SOROSINA, A. (orgs.). *Les historicités de Nietzsche*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2016, p.105-126; “La nuova concezione del mondo: volontà di potenza, pluralità di forze, eterno ritorno dell'identico”. In: BUSELLATO, S. (org.), *Nietzsche dal Brasile. Contributi alla ricerca contemporanea*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.21-40; “L'éternel retour du même: thèse cosmologique ou impératif éthique?”. In: *Nietzsche-Studien* 25 (1996), p.42-63.

Bem mais: encontra-se, de algum modo, associado ao projeto de transvaloração dos valores.

O pensamento do eterno retorno, por sua vez, acha-se sugerido em particular em três seções da segunda parte do livro. Na seção intitulada “Dos grandes acontecimentos”, os discípulos de Zaratustra relatam uma cena que haviam testemunhado. Num dado momento, viram um homem aproximar-se deles no ar, anunciando que era chegado o tempo; reconheceram que esse homem era Zaratustra. No final do relato, o próprio Zaratustra se pergunta pelo sentido que tudo isso poderia ter: “Por que o fantasma gritou: É chegado o tempo! É mais que chegado o tempo! *De que* – é chegado o tempo?” (*Za/ZA II*, Dos grandes acontecimentos, KSA 4.171). Na seção “Da redenção”, depois de ouvir o discurso que Zaratustra faz a seus discípulos, um corcunda entabula uma conversa com ele, lançando o desafio: “Mas por que Zaratustra fala com seus discípulos de modo diferente – do que a si mesmo?” (*Za/ZA II*, Da redenção, KSA 4.182). Na seção intitulada “A hora mais silenciosa”, algo sem voz fala a Zaratustra, incitando-o a anunciar o eterno retorno. E ele mesmo reconhece que não disse tudo a seus discípulos: “Ah, meus amigos! Eu teria ainda algo para dizer-vos, teria ainda algo para dar-vos! Por que não vos dou?” (*Za/ZA II*, A hora mais silenciosa, KSA 4.190).

Nessa etapa da nossa pesquisa, o que conta para nós é notar que, entre o momento em que Zaratustra deixa mais uma vez a solidão de sua caverna e de sua montanha para reencontrar seus discípulos nas ilhas bem-aventuradas e o momento em que está prestes uma vez mais a abandoná-los, progressivamente ele se dá conta de sua tarefa: será imprescindível que anuncie seu “pensamento abissal”. O desenrolar dessa parte do livro é tal que, de anunciador do além-do-homem, Zaratustra se prepara para tornar-se o mestre do eterno retorno.

### III.

A terceira parte de *Assim falava Zaratustra* abre-se com uma seção em que o protagonista afirma que reconhece seu destino, sem explicar todavia no que consistiria. Logo depois, na seção intitulada “Da visão e enigma”, Zaratustra relata o combate que travou contra o espírito de peso, esclarecendo a atitude que adotou em face de seu adversário e o tema sobre o qual se disputaram; em seguida, conta a visão que teve. Se o tema da disputa de Zaratustra com o espírito de peso evoca o pensamento do eterno retorno, a visão de Zaratustra faz alusão à noção de além-do-homem. Mas, é preciso notar que essa visão se apresenta como um enigma<sup>24</sup> que só será decifrado bem adiante. Apesar de já ter evocado o pensamento do eterno retorno em seu combate contra seu maior inimigo, Zaratustra dá mostras, em seguida, na seção “Da bem-aventurança a contragosto”, de que ainda lhe falta coragem para anunciá-lo. Passando em revista episódios de seu percurso, evoca em particular os momentos em que tudo o que o cercava o lembrava de que era chegado o tempo de anunciar seu “pensamento abissal”, embora ele ainda não estivesse em condições de ouvi-lo. Se agora pode suportá-lo, ainda não consegue incorporá-lo. É nesse sentido que diz: “Ainda não me atrevi a chamar-te *para cima*: era suficiente que comigo - te carregasse! Ainda não era forte o bastante para a última arrogância e audácia do leão” (*Za/ZA* III, *Da bem-aventurança a contragosto*, KSA 4.205).

A partir daí, as seções que se seguem trazem várias elucidicações sobre pontos centrais da filosofia de Nietzsche, apresentando novas ideias ou esclarecendo outras já introduzidas no livro. Zaratustra começa por afirmar que enfim se converteu naquele que bendiz.

---

24 Isso explica o título escolhido para essa seção. Ao contrário do que poderíamos supor numa primeira abordagem, não se trata aqui de uma visão e de um enigma, mas de uma visão que é um enigma.

Depois disso, retomando concepções presentes no prólogo<sup>25</sup>, faz um discurso contra o homem pequeno e, apresentando-se como “o sem-Deus”, critica em particular os “mestres da resignação”. Então, dirige-se ao inverno e o toma como cúmplice, afirmando que inventou para si um longo e luminoso silêncio para escapar da compaixão. No limiar de uma grande cidade, encontra um louco chamado pelo povo “o macaco de Zaratustra”; interrompendo-o, Zaratustra mostra-lhe que não basta repetir seus discursos de modo maquinal, mas é preciso incorporá-los. Ainda na cidade, toma como alvo de ataque “os renegados” que, tornando-se outra vez devotos, debatem sobre a crença em Deus. De volta à montanha, Zaratustra se entretém com a solidão; dando-se conta da diferença que existe estar só na sua caverna e sentir-se abandonado pelos homens, ele compreende que não passa de um meio através do qual se exprime o vir-a-ser. Ao retomar a ideia de que o mundo se oferece a ele, ressalta o contraste entre bendizer e maldizer; é o que o incita a reavaliar e conferir novo sentido à volúpia, ao apetite de domínio e ao egoísmo. Sublinhando que suas concepções e sua maneira de proceder diferem em alto grau das do espírito de peso, Zaratustra indica que é por meio da dança que o enfrenta. Pouco antes do anúncio do pensamento do eterno retorno, retomando ideias que já havia expressado ao longo do livro, ele aponta a direção a seguir para levar a bom termo o projeto de transvaloração dos valores<sup>26</sup>.

Na seção intitulada “O convalescente”, ao interpelar seu “pensamento abissal”, Zaratustra deixa entrever a perspectiva que conta adotar e, entretendo-se com seus animais, assinala a seguir os limites da linguagem para exprimir o que tem a dizer. Serão a águia e a serpente que anunciarão o pensamento do eterno retorno, mas é

---

25 Cf. *Za/ZA I*, Prefácio 5, KSA 4.19s, onde o protagonista toma como alvo de ataque o último homem, o defensor dos valores estabelecidos.

26 Cf. respectivamente *Za/ZA III*, Antes do nascer do sol, Da virtude que apequena, No monte das oliveiras, Do passar além, A volta ao lar, Dos três males, Do espírito de peso, Das velhas e novas tábuas.

o próprio Zaratustra que interpretará a visão que teve e decifrá o enigma por ela apresentado.

Estreitamente ligadas, a seção “Da visão e enigma” e aquela intitulada “O convalescente” apresentam o pensamento do eterno retorno do mesmo. Numa primeira abordagem, poderíamos supor que elas formam um todo, de tal modo que separá-las poderia trazer problemas para a composição da terceira parte do livro. Contudo, entre essas duas seções, situam-se dez outras que, examinadas de perto, revelam um desenrolar conceitual absolutamente necessário; é ele que tornará possível o anúncio do pensamento do eterno retorno. Depois de reconhecer seu destino, Zaratustra evoca seu “pensamento abissal” e relata a sua visão; ambos só serão explicitados na seção intitulada “O convalescente”. Consciente de que pode carregar o pensamento do eterno retorno, mas ainda não consegue incorporá-lo, Zaratustra introduz a noção de *amor fati*. Nas seções subsequentes, ele se afasta do homem pequeno, retoma a questão da compreensão do que tem a dizer, insiste na importância da vivência, trata das sombras de Deus, pretende-se o porta-voz do mundo, procede a uma reavaliação da maneira de conceber sentimentos humanos, apresenta as armas de que dispõe para combater o espírito de peso, aponta a atitude a ser adotada para levar a bom termo o projeto de transvaloração dos valores. Nas dez seções que separam “Da visão e enigma” e “O convalescente”, quer se trate de indicar os limites da linguagem para exprimir o que tem a dizer ou de explicitar a maneira de proceder que conta adotar, quer se trate de lembrar seus alvos de ataque ou de mostrar a necessidade de destruir os valores estabelecidos para criar outros valores, Zaratustra prepara-se para anunciar o pensamento do eterno retorno. Tudo se passa como se lhe fosse indispensável assegurar-se do caminho que percorrera para estar pronto para abraçar seu destino.

Estamos, pois, em condições de afirmar que a seção “Da visão e enigma” e aquela intitulada “O convalescente” anunciam de



modo diferente o pensamento do eterno retorno. Para que Zaratustra consiga apropriar-se de seu “pensamento abissal”, será preciso que o integre como uma vivência. Para que chegue a aceitar todas as suas consequências, será necessário ainda que ponha em prática o *amor fati* e se converta naquele que abençoa.

É precisamente na seção intitulada “Antes do nascer do sol” da terceira parte de *Assim falava Zaratustra* que Nietzsche introduz a noção de *amor fati*. Pródigo em elogios ao céu, Zaratustra então insiste na ideia de que ele não abriga nenhuma “vontade eterna”; no céu, não há lugar para nenhuma espécie de transcendência. Sublinha assim a inocência do vir-a-ser e a essa ideia associa a noção de *amor fati*, como já havia feito, aliás, na seção “Das três transmutações”. Se na primeira parte do livro ele se limitava a evocar essa noção, agora afirma que a incorporou por completo. “No que abençoa eu me tornei, e no que diz sim: e para isso lutei longamente e fui um lutador, para que um dia tivesse as mãos livres para abençoar”. Na sequência do texto, Zaratustra acrescenta uma indicação ainda mais esclarecedora: “Esta, porém, é minha bênção: estar sobre cada coisa como seu próprio céu, como seu teto redondo, sua campânula de azul e eterna segurança: e venturoso é aquele que abençoa assim!” (*Za/ZA III*, Antes do nascer do sol, KSA 4.209, trad. RRT). Não se trata, pois, de abençoar uma situação precisa ou um acontecimento isolado; não se trata tampouco de dizer sim a um sentimento particular ou a um comportamento determinado. A noção de *amor fati* implica aceitar sem restrições tudo o que ocorre; ela está, pois, intimamente ligada ao pensamento do eterno retorno.

Não é por acaso que Nietzsche estabelece em da *Gaia Ciência* uma estreita relação entre Zaratustra, o pensamento do eterno retorno e a noção de *amor fati*. As primeiras linhas do prefácio a *Assim falava Zaratustra* retomam *ipsis litteris* a última seção da quarta parte da *Gaia Ciência* (FW/GC 342, KSA 3.571). Se nela Nietzsche já põe em cena Zaratustra, na seção que a precede, intitulada “O

mais pesado dos pesos” (*FW/GC* 341, KSA 3.570), expressa pela primeira vez na obra publicada o pensamento do eterno retorno do mesmo<sup>27</sup>. Tendo vindo a público imediatamente antes da redação de *Assim falava Zaratustra*, as duas seções antecipam o que virá a constituir o protagonista<sup>28</sup> e a concepção básica do livro<sup>29</sup>. Aliás, é o autor mesmo quem fornece essa chave de leitura. No *Ecce Homo*, Nietzsche declara que *A gaia Ciência* “contém cem sinais de que algo incomparável se avizinha; ela dá no penúltimo trecho do quarto livro o pensamento básico do *Zaratustra*” (*EH/EH*, *Assim falava Zaratustra* I, KSA 6.336).

É certo que as duas últimas seções da quarta parte da *Gaia Ciência* se acham intimamente ligadas. Mas também é certo que há uma estreita relação entre elas e a primeira seção da mesma parte do livro<sup>30</sup>. Nietzsche começa essa parte da *Gaia Ciência* exprimindo um voto. Na seção intitulada “Para o ano novo”, assegura:

Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. *Desviar o olhar*: que seja minha única negação! Em suma, quero em algum momento por uma vez ser apenas aquele que diz-sim! (*GC/FW* 276, KSA 3.521).

Não quer mais apresentar-se como iconoclasta ou destruidor; tampouco quer dedicar-se a desmascarar ideais ou demolir ídolos.

---

27 De fato, a expressão “eterno retorno” já aparece na seção 285 da *Gaia Ciência*, KSA 3.528, trad. RRTE, onde Nietzsche convida o leitor a renunciar a toda espécie de transcendência, dizendo-lhe: “tu te defendes contra qualquer paz última, queres o eterno retorno de guerra e paz”.

28 Num poema de 1882, inicialmente intitulado “Portofino”, Nietzsche empenha-se em descrever a maneira pela qual concebeu Zaratustra (*cf.* o fragmento póstumo 3 [3] do verão-outono de 1882, KSA 10.107s). Alguns anos mais tarde, retomará esse poema nas “Canções do príncipe Vogelfrei”, publicadas como apêndice na segunda edição da *Gaia Ciência*.

29 Num dos primeiros planos que elabora para a composição de um novo livro, Nietzsche concebe quatro partes, apresentando na última a ideia de eterno retorno. *Cf.* o fragmento póstumo 11 [197] da primavera-outono de 1881, KSA 9.520, onde podemos ler: “Quarto livro. Conteúdo ditirâmico. ‘*Annulus aeternitatis*’. Desejo de tudo viver ainda uma vez e eternamente”.

30 A essa quarta parte da obra Nietzsche dá o título “Sanctus Januarius”, em homenagem ao ano que acaba de começar.

Tudo o que deseja é converter-se em alguém que afirma. E Nietzsche conclui a quarta parte do livro, apresentando uma concepção e uma personagem (*FW/GC* 341 e 342, *KSA* 3.570/71). Quando introduz na primeira seção a noção de *amor fati*, mostra a atitude que doravante conta adotar. Quando exprime o pensamento do eterno retorno do mesmo na antepenúltima seção, dá a entender a necessidade de incorporá-lo. Quando põe em cena Zaratustra, permite supor que cabe a ele incorporar o pensamento do eterno retorno e aceitar suas consequências, afirmando incondicionalmente tudo o que advém.

Na terceira parte de *Assim falava Zaratustra*, notamos justamente a elaboração e o aprofundamento dessas ideias. É bem verdade que à seção intitulada “O convalescente” se seguem três outras. Contudo, elas não trazem desenvolvimentos conceituais precisos; apresentam-se sobretudo como momentos líricos. “Do grande anseio”, “O outro canto de dança” e “Os sete selos (ou: A canção do Sim e Amém)”, como os títulos nos levam a presumir, constituem passagens em que Zaratustra segue o conselho que seus animais lhe haviam dado. Imediatamente depois de ele aceitar as consequências do pensamento do eterno retorno, a águia e a serpente incitam-no a cantar:

“Pois vê, ó Zaratustra! Para tuas novas canções é preciso novas líras! Canta e exulta, ó Zaratustra, cura com novas canções tua alma: para que suportes teu grande destino, que ainda não foi destino de nenhum homem!” (*Za/ZA* III, O convalescente 2, *KSA* 4.275)

Contudo, ao analisar a terceira parte de *Assim falava Zaratustra*, não podemos deixar de notar que na seção “Das velhas e novas tábuas”, que precede aquela intitulada “O convalescente”, o protagonista alude de modo bem particular ao pensamento do eterno retorno. De volta pela terceira vez à sua montanha, Zaratustra tem ciência de que será preciso que desça em direção ao vale para de novo entreter-se com os homens. Mas, antes de sua partida, espera “os sinais de

que é a *minha* hora, – a saber, o leão que ri e o bando de pombas” (*Za/ZA* III, Das tábuas velhas e novas, § 1, KSA 4.246). Ora, na seção “A hora mais silenciosa”, Nietzsche já recorre à imagem das pombas. Nessa passagem, evocando o pensamento do eterno retorno que Zaratustra se vê incitado a anunciar, ele escreve: “As palavras mais silenciosas são as que trazem a tempestade. Pensamentos com pés de pomba dirigem o mundo” (*Za/ZA* II, A hora mais silenciosa, KSA 4.189)<sup>31</sup>. Quanto à imagem do leão, Nietzsche dela se serve já na seção intitulada “Da bem-aventurança a contragosto”. Nessa passagem, ele põe na boca de Zaratustra a seguinte frase:

Ah, pensamento abissal, que és o meu pensamento! [...] Ainda não era forte o bastante para a última arrogância e audácia do leão. Bastante terrível foi sempre para mim o teu peso; mas algum dia hei de encontrar a força e a voz do leão que te chamem para cima! (*Za/ZA* III, Da bem-aventurança a contragosto, KSA 4.205).

Do que acabamos de notar, podemos concluir que, enquanto as pombas remetem ao eterno retorno do mesmo, o leão que ri diz respeito à atitude que Zaratustra deverá adotar em face de seu “pensamento abissal”, ou seja, a força e a audácia de que deve dar mostras para dele extrair as últimas consequências.

É precisamente à imagem do leão que ri com o bando de pombas que Nietzsche recorrerá nas últimas páginas da quarta parte de *Assim falava Zaratustra*<sup>32</sup>. Nessa parte, ele trata dos homens superiores, mas isso não o impede, bem no final, de fazer alusão ao pensamento do eterno retorno. Se, na seção intitulada “Das velhas e novas tábuas” da terceira parte do livro, a imagem do leão que ri com o bando de

---

31 Cf. também *Za/ZA* III, O convalescente 2, KSA 4.275, onde os animais de Zaratustra, ao constatarem sua perturbação em face das consequências acarretadas pelo pensamento do eterno retorno, lhe dizem: “Não fales mais, ó convalescente! [...] Sai para as rosas e abelhas e revoadas de pombas!” Ao tratar de sua personagem, Nietzsche retomará essa frase em *EH/EH*, Prólogo 4, KSA 6.259.

32 Cf. *Za/ZA*, O sinal, KSA 4.407.

pombas contribuía para o desenvolvimento conceitual que levava ao anúncio do eterno retorno, agora ela permite ter em vista a elaboração de uma quinta parte. Não é por acaso que na seção intitulada “O sinal” Nietzsche apresenta sua personagem prestes a abandonar uma vez mais sua caverna e sua montanha. Tendo conhecimento de que se libertou da compaixão pelo homem superior, Zaratustra se dá conta de que chegou a sua hora. Uma vez que o leão que ri com o bando de pombas veio até ele, exclama: “Meu sofrimento e minha compaixão – que importam! Acaso visio à *felicidade*? Eu visio à minha obra!” (*Za/ZA*, O sinal, KSA 4.408).

Mas seria preciso lembrar que a publicação da quarta parte de *Assim falava Zaratustra* teve um destino bem particular. Schmeitzner, então editor das obras de Nietzsche, recusa-se, categórico, a publicá-la. Depois de tentativas estéreis e humilhantes, em abril de 1885, o filósofo se vê obrigado a custear uma tiragem de quarenta exemplares<sup>33</sup>; é mais do que suficiente: não chega a dez o número de pessoas a quem pensa enviá-los - em caráter confidencial. É bem verdade que, quando a publica, Nietzsche insiste em nomeá-la “Quarta e última parte”; é verdade também que não é preciso esperar muito para que mude completamente de posição em relação ao livro enquanto um todo. Renega então as três primeiras partes que o compõem e pensa conceber um novo *Zaratustra* a partir da quarta, contando elaborar duas outras partes: a quinta e a sexta. Mesmo se não chega a realizar esse projeto, até o outono de 1888 manifesta a intenção de fazê-lo. Em 1891, depois da crise de Turim, Heinrich Köselitz publica essa quarta parte, sem levar em conta o que Nietzsche poderia pensar. Em 1893, o editor Naumann encarrega-se da reedição de *Assim falava Zaratustra*, publicando, pela primeira vez, as quatro partes de *Zaratustra* num único volume, sem levar em conta a posição do autor.

---

33 Entre meados de março e meados de abril de 1885, Nietzsche lê com Heinrich Köselitz as provas da quarta parte, que aparece com o título: *Also sprach Zarathustra. Ein Buch für Alle und Keinen. Vierter und letzter Theil*. Leipzig: bei Constantin Georg Naumann, 1885.

Marton, S.

Os elementos reunidos até agora permitem-nos afirmar que a obra que contou com a concordância do autor, um livro com três partes, também foi renegada por ele. E a obra consagrada pela posteridade, um livro com quatro partes, não chegou a ser por ele autorizada<sup>34</sup>. A partir das análises precedentes, podemos afirmar que tanto o desenvolvimento conceitual quanto a ação dramática da obra autorizada por Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* em três partes, perseguem o objetivo de apresentar a longa preparação do protagonista para incorporar o pensamento do eterno retorno e aceitar todas as suas consequências, incitando o leitor a integrar-se nessa empreitada.

#### IV.

Examinemos de perto a maneira pela qual Nietzsche apresenta o pensamento do eterno retorno em *Assim falava Zaratustra*. Na seção “Da visão e enigma”, depois de desenhar o perfil do interlocutor que deseja encontrar, Zaratustra relata o combate que travou com seu inimigo mortal, o espírito de peso. Exercendo uma ação paralisante, seu adversário o puxava para baixo; com um gesto opressor, tentava convencê-lo da impossibilidade de seguir seu caminho. Será a coragem que auxiliará Zaratustra a livrar-se do abatimento que o tomava. Será a coragem que ele evocará para realizar o que lhe cabe.

A coragem é o melhor matador; a coragem mata também a compaixão. Mas a compaixão é o abismo mais profundo: quanto mais fundo o homem olha dentro da vida, mais fundo olha também dentro do sofrimento. Mas a coragem é o melhor matador, a coragem que acomete; mata até a morte, pois diz: “Era *isso* a vida? Pois bem!

---

34 Para uma análise mais aprofundada da elaboração conceitual e literária que deu origem a *Assim falava Zaratustra*, remetemos ao nosso trabalho: MARTON, Scarlett. “*Ainsi parlait Zarathoustra: l’œuvre à la fois consacrée et reniée*”. In: CAMPIONI, G.; CIAMRRA, L. P.; SEGALA, M. (orgs.). *Goethe, Schopenhauer, Nietzsche. Saggi in memoria di Sandro Barbera*. Pisa: Edizioni ETS, 2011, p.481-498.

Outra vez!” (*Za/ZA III, Da visão e enigma 1, KSA 4.199*).

Com essas palavras, Zaratustra afirma a importância da coragem para combater a compaixão que não permite que se acolha o sofrimento, para superar o niilismo que impede que se aceite a vida tal como ela é, para vencer a morte que se concebe como a eternidade prometida pela religião cristã.

Depois de esclarecer a atitude a ser adotada, Zaratustra apresenta pela primeira vez no livro o pensamento do eterno retorno do mesmo. Recorrendo a uma imagem, a de um portal chamado “Instante”, ele descreve uma situação em que se juntam dois caminhos que duram uma eternidade: um que corre para trás e outro que corre para diante. Então, de forma retórica, coloca várias questões a seu inimigo mortal:

Não é preciso que, de todas as coisas, aquilo que *pode* acontecer já tenha uma vez acontecido, já esteja feito, transcorrido? E, se tudo já esteve aí: o que achas tu, anão, deste Instante? Não é preciso que também este portal – já tenha estado aí? E não estão tão firmemente amarradas todas as coisas, que este Instante puxa atrás de si *todas* as coisas vindouras? E *assim* – a si próprio também? (*Za/ZA III, Da visão e enigma 2, KSA 4.200, trad. RRTF*).

Retomando imagens que se acham no parágrafo 341 da *Gaia Ciência*<sup>35</sup>, Zaratustra insiste nos dois aspectos do pensamento do eterno retorno que Nietzsche já havia apresentado nesse livro.

Na *Gaia Ciência*, quando enuncia sua concepção do eterno retorno, Nietzsche assinala esses dois aspectos que se tornarão recorrentes em seus textos: a repetição dos acontecimentos (“cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar”) e o movimento

---

35 Cf. *Za/ZA III, Da visão e enigma 2, KSA 4.200*, onde poderemos ler: “E esta lenta aranha, que rasteja ao luar, e este próprio luar, e eu e tu no portal, cochichando juntos, cochichando de coisas eternas – não é preciso que todos nós já tenhamos estado aí?”

circular em que a mesma série de eventos ocorre (“e tudo na mesma ordem e sequência”). Se estes aspectos se revelarem essenciais no pensamento do eterno retorno do mesmo, aqui ele parece enfatizar outro ponto; “o mais pesado dos pesos”, que dá título ao parágrafo, diz respeito às consequências psicológicas que esse pensamento pode acarretar. Afinal, o que ele provocaria em nós? Constituiria motivo de júbilo ou razão de desespero? Diante dele, como nos comportaríamos? Nós nos lançaríamos ao chão e rangeríamos os dentes? Ou abençoaríamos como portador da boa nova quem dele nos falasse? Mas qualquer atitude que viéssemos a adotar não nos libertaria do fardo que, desde então, pesaria sobre nosso agir. Nem a aceitação nem a recusa desse “pensamento abissal” poderiam poupar-nos de seu impacto sobre nós. Se por ele nos deixássemos impregnar, seríamos a cada instante perseguidos por esta pergunta: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” Contudo, quando apresenta sua concepção na *Gaia Ciência*, Nietzsche recorre à forma condicional, começando precisamente por estas palavras: “E se um dia ou uma noite”.

A formulação hipotética nesse parágrafo nos leva a sublinhar o significado do pensamento nietzschiano do eterno retorno do mesmo no contexto da experiência humana. Não é, por certo, enquanto tese que esse pensamento aparece na *Gaia Ciência*, mas como experimento do pensamento. Com isso, não entendemos, porém, que seu caráter experimental se deva ao fato de ter ele causado impacto sobre o próprio autor ou de este ter sentido necessidade de inclui-lo reflexivamente em sua própria vida. Defendemos a ideia de que, mais do que problema psicológico ou questão existencial, o experimentalismo deve ser visto aqui como opção filosófica. Experimentador no mais alto grau, Nietzsche não hesita em convidar o leitor à experimentação, seja por entender que nós, humanos, não passamos de experimentos, seja por acreditar que não nos devemos furtar a fazer experimentos com



nós mesmos<sup>36</sup>. Quando se ocupa em tratar um problema em seus múltiplos aspectos, quando se dedica a abordar uma questão a partir de vários ângulos de visão, quando se aplica em refletir sobre uma problemática adotando diferentes perspectivas, é enquanto *Versucher* que Nietzsche se porta.

É à luz dessas considerações que seria preciso examinar a seção “Da visão e enigma” da terceira parte de *Assim falava Zaratustra*. Em seu combate decisivo contra o espírito de peso, o protagonista acusa-o de não estar em condições de carregar o pensamento do eterno retorno. Ainda que seu adversário viesse a sustentar a ideia de que tudo retorna sem cessar, ele não conseguiria suportá-la, jamais chegaria a experimentá-la. Eis por que Zaratustra encara o espírito de peso como seu maior inimigo; por causa de sua condição, ele corre o risco de ver seu pensamento tornar-se dogma incontestável, sua concepção converter-se em verdade definitiva, sua vivência transformar-se em imperativo categórico<sup>37</sup>. Portanto, o ponto que Zaratustra enfatiza é outro: trata-se do impacto que seu “pensamento abissal” poderia provocar. E, nessa etapa de seu percurso, ele está bem ciente das dificuldades que deve superar para chegar a aceitá-lo<sup>38</sup>.

Para tentar compreender o que paralisa Zaratustra, tentemos interpretar “a visão do mais solitário dos solitários”<sup>39</sup> e decifrar o seu enigma. Depois de concluir o relato de seu combate contra o espírito de peso, o protagonista conta o que viu. Testemunhou uma cena em que um jovem pastor se retorce com uma negra serpente pendendo-lhe da boca. Perturbado pelo nojo e horror estampados

---

36 Cf. *JGB/BM* 42, KSA 5.59, e 205, KSA 5.133.

37 Em *Za/ZA* III, Do espírito de peso 2, KSA 4.245, o protagonista afirma: “Por muitos caminhos e de muitos modos cheguei à minha verdade [...]. Um experimentar e interrogar foi todo meu caminhar”.

38 Cf. *Za/ZA* III, Da visão e enigma 2, KSA 4.200s, trad. RRTE, onde o protagonista manifesta seu estado de espírito da seguinte maneira: “Assim falava eu, e cada vez mais baixo: pois tinha medo de meus próprios pensamentos e dos pensamentos que se escondiam atrás deles”.

39 É a expressão que Nietzsche havia pensado como um título possível para essa seção.

na sua face, ele tentou arrancar a serpente da sua garganta. Sem conseguir, gritou para o pastor morder-lhe a cabeça e cuspi-la longe. Então, Zaratustra incita seus interlocutores a decifrar o enigma, que consiste precisamente na visão que acaba de relatar, dizendo-lhes: “Pois uma visão era, e uma previsão – *o que* vi eu aquela vez em alegoria? E *quem é* aquele que um dia há de vir?” (*Za/ZA III, Da visão e enigma 2, KSA 4.202, trad. RRTF*). Não caberá aos interlocutores de Zaratustra interpretar “a visão do mais solitário dos solitários”; mesmo se fossem capazes, não poderiam fazê-lo. Afinal de contas, a visão é antes de mais nada uma previsão; a grande transformação que ela anuncia ainda terá de ocorrer.

Concluindo seu relato, Zaratustra conta a seus interlocutores que o pastor seguiu seu conselho, mordeu a cabeça da serpente e cuspiu-a longe. E acrescenta:

Não mais um pastor, não mais um homem – um transfigurado, um iluminado, que *ria!* Nunca ainda sobre a terra riu um homem, como ele ria! [...] Minha aspiração por aquele riso me devora: oh, como suportaria ainda viver! E como suportaria, agora, morrer! (*Za/ZA III, Da visão e enigma 2, KSA 4.202, trad. RRTF*).

Nesse momento de seu percurso, Zaratustra conhece bem sua tarefa; ele é o anunciador do além-do-homem e está pronto para assegurar a transvaloração de todos os valores. Mas isso não basta! Não é, porém, nessa seção que terá lugar a sua grande transformação. Aqui preparada, ela se realizará mais adiante; e, enfim, será decifrado o seu enigma. É na seção intitulada “O convalescente” que Nietzsche retoma o pensamento do eterno retorno, lançando mão da mesma estratégia a que havia recorrido na seção “Da visão e enigma”. Ele começa por indicar a perspectiva que conta adotar e assinala em seguida o que tem a anunciar. Tentando despertar seu “pensamento abissal”, Zaratustra empenha-se, no momento de sua evocação<sup>40</sup>, em

---

40 “A evocação” foi um dos títulos pensados por para esta seção. Ela se compõe de duas subseções.

encontrar as palavras para dizer o que nele não pode mais permanecer mudo. É nesse contexto que ele se apresenta:

Zaratustra, o sem-deus<sup>41</sup>, te chama! Eu, Zaratustra, o porta-voz da vida, o porta-voz do sofrimento, o porta-voz do círculo<sup>42</sup>, - te chamo a ti, ó meu pensamento mais abissal! (*Za/ZA III, O convalescente I, KSA 4.271*).

Dando-se conta da morte de Deus, Zaratustra, “o sem-deus”, suprime o solo mesmo a partir do qual se estabeleciam os valores. Perfaz assim a travessia do niilismo, que constitui uma etapa indispensável para levar a bom termo o projeto de transvaloração de todos os valores. Falando em favor da vida, do sofrimento e do círculo, Zaratustra, “o porta-voz da vida, o porta-voz do sofrimento, o porta-voz do círculo”, aponta a íntima relação entre a vida enquanto vontade de potência, o sofrimento enquanto parte integrante da existência e o círculo enquanto infinita repetição de todas as coisas. Ao interpelar o pensamento do eterno retorno, ele bem sabe que é aquele que tem conhecimento da morte de Deus, que acolhe sem restrição o sofrimento, que afirma que tudo retorna sem cessar. Noções interdependentes, a vida, o sofrimento e o círculo indicam uma única e mesma direção. Nos atributos a que Zaratustra recorre para apresentar-se, encontram-se os temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade: a superação do niilismo, o projeto de transvaloração de todos os valores, o conceito de vontade de potência, o pensamento do eterno retorno.

Depois de elucidar a perspectiva que conta adotar, Zaratustra anuncia seu “pensamento abissal”. De fato, não é ele; são os seus

---

“A evocação” poderia muito bem intitular a primeira subseção e “O convalescente”, a segunda.

41 A expressão aparece também em *Za/ZA III, Da virtude que apequena, KSA 4.215*, e em *Za/ZA IV, Fora de serviço, KSA 4.323*.

42 Uma parte dessa expressão já se encontra na seção intitulada “O adivinho” da segunda parte do livro, *KSA 4.175*; então, um discípulo de Zaratustra a ele se dirige, dizendo: “Tu não declinarás em nosso céu, ó porta-voz da vida!”

animais que o fazem. Dirigindo-se a Zaratustra, a águia e a serpente lhe dizem numa primeira formulação:

Pois teus animais bem sabem, ó Zaratustra, quem tu és e tens de te tornar: vê, *tu és o mestre do eterno retorno* – e esse é o teu destino! Que tu sejas o primeiro a ter de ensinar esse ensinamento – como não haveria esse grande destino de ser também teu maior perigo e doença! (*Za/ZA III, O convalescente 2, KSA 4.275s, trad. RRTF*).

Não é, por certo, a infinita repetição de sua própria existência que Zaratustra receia. Não é tampouco o eterno retorno de uma vida de penas e atribulações que ele teme. No fim das contas, tem ciência de que a dor não constitui uma objeção à vida, que o sofrimento é parte integrante da existência. Que o homem pequeno retorne, isso é o que o atemoriza. Diante dessa ideia, nauseado, sente nojo. As análises precedentes permitem notar dois resultados. Enquanto na *Gaia Ciência* Nietzsche propõe a seu leitor o pensamento do eterno retorno do mesmo como um desafio existencial, em *Assim falava Zaratustra*, ele o apresenta como uma prova que o protagonista do livro tem de enfrentar. Mas, se nas duas obras estão presentes os aspectos essenciais do pensamento do eterno retorno do mesmo, a repetição dos acontecimentos e o movimento circular em que a mesma série de eventos ocorre, o ponto que Nietzsche ressalta diz respeito às consequências psicológicas que seu “pensamento abissal” pode acarretar.

É precisamente nesse ponto que insistirá a seção “O convalescente”. Percebendo a aproximação de seu “pensamento abissal”, Zaratustra deixa-se tomar pelo nojo e cai por terra. Quando volta a si, permanece num estado de prostração, cercado apenas pela águia e pela serpente, que esperam seu restabelecimento. Depois de sete dias, recuperando-se de suas perturbações, ele se entretém com seus animais. Lançando mão de um procedimento recorrente, Zaratustra sublinha os limites da linguagem antes de

exprimir o que tem a dizer. Quando quer ressaltar a importância de seu ensinamento, insiste sempre na inadequação dos meios de expressão de que dispõe<sup>43</sup>.

É então que o próprio Zaratustra interpreta a visão e decifra o enigma. A seus animais, ele confia sua fadiga: a negra serpente havia entrado na sua garganta e o sufocava, mas ele lhe mordeu a cabeça e a cuspiu longe. “Mas agora estou eu aqui deitado, fatigado desse morder e cuspir longe, ainda enfermo da minha própria redenção” (*Za/ZA III, O convaléscente 2, KSA 4.273*). A seus animais, Zaratustra revela que ele mesmo era o pastor, objeto de seu relato na seção intitulada “Da visão e enigma”; ele lhes revela que a negra serpente nada mais era do que o nojo que sentia pelo homem pequeno, a repugnância que experimentava por aquele que se deixa tomar pelo grande cansaço.

“O grande fastio pelo homem – era *ele* que me sufocava e havia rastejado para dentro de minha garganta: e aquilo que o adivinho profetizou: ‘Tudo é igual, nada vale a pena, o saber sufoca’” (*Za/ZA III, O convaléscente 2, KSA 4.274, trad. RRTF*).

Personagem da maior importância, o adivinho faz sua aparição na segunda parte do livro. O adivinho vem substituir o sentido, que a interpretação cristã do mundo havia dado à existência humana, pela total ausência de sentido; ele vem substituir o ideal ascético pelo “niilismo suicida”<sup>44</sup>. Pregando uma nova doutrina, propagando uma

---

43 Cf. *Za/ZA III, O convaléscente 2, KSA 4.272*. Nesse momento, Zaratustra diz a seus animais: “Como é agradável que existam palavras e sons: não são palavras e sons arco-íris e pontes ilusórias entre o eternamente separado?” Quando se trata de exprimir suas próprias concepções, Nietzsche traz sempre à luz sua necessidade de encontrar uma forma de expressão que não se limite a representar o mundo. Sobre essa problemática, remetemos ao nosso trabalho “Nietzsche e o problema da linguagem. A crítica enquanto criação”. In: LIMA, M.; ITAPARICA, A. (orgs.). *Verdade e Linguagem em Nietzsche*. Salvador: EDUFBA, 2014, p.15-41; em outra versão, “Le problème du langage chez Nietzsche. La critique en tant que création”. In: *Revue de métaphysique et de morale 2* (avril 2012), p.225-245.

44 Cf. *GM/GM, Terceira Dissertação 28, KSA 5.411*.

nova crença, o veneno que espalha atinge todos os domínios. É assim que ele se exprime: “e via uma grande tristeza descer sobre os homens. Os melhores cansavam-se de suas obras. Uma doutrina difundiu-se, com ela corria uma crença: ‘tudo é vazio, tudo é igual, tudo já foi!’”<sup>45</sup>. À diferença de Zaratustra que, guiado pela abundância e excesso, desce em direção ao vale para partilhar a sua sabedoria, o adivinho propala a esterilidade. À diferença de quem desce a montanha para levar o fogo aos homens, ele preconiza o grande cansaço. Enquanto um quer ir à profundidade para dela sair fortalecido<sup>46</sup>, o outro espera por ela ser tragado. Paralisado, o adivinho apregoa a morte em vida. Fazer a travessia desse niilismo implica aceitar a vida tal como ela é, inclusive tudo o que ela comporta de execrável e infame. Este é o grande desafio que Zaratustra terá de enfrentar.

Na seção “O convalescente”, é a coragem que torna possível a Zaratustra cortar de uma vez por todas a cabeça da serpente; é a coragem que lhe permite romper definitivamente com o “nihilismo suicida”. Na condição de convalescente, Zaratustra conhece agora sua redenção<sup>47</sup>: ela consiste em querer que tudo retorne ainda uma vez e um número infinito de vezes, que retorne inclusive o homem pequeno; em suma, ela consiste em extrair as últimas consequências do pensamento do eterno retorno. Zaratustra está pronto para assumir seu “pensamento abissal”. Seus animais, a águia e a serpente, se encarregam, então, de anunciá-lo: “Vê, nós sabemos o que tu ensinas: que todas as coisas retornam eternamente, e nós próprios com elas,

---

45 *Za/ZA II*, O adivinho, KSA 4.172. Seu discurso é retomado na seção “Das velhas e novas tábuas” 16 da terceira parte do livro, KSA 4.257, e na seção “A saudação” da quarta parte, KSA 4.349.

46 Cf. *Za/ZA I*, Da árvore na montanha, KSA 4.51, onde podemos ler: “Ao homem ocorre o mesmo que à árvore. Quanto mais (a árvore) quer crescer para o alto e para a claridade, tanto mais fortemente suas raízes tendem para a terra, para baixo, para a treva, para a profundidade”.

47 Na seção intitulada “Da redenção” na segunda parte do livro, KSA 4.179, trad. RRTE, Zaratustra elucida o que entende por essa palavra: “Redimir o que passou e recriar todo ‘Foi’ em um ‘Assim eu o quis!’ – somente isto se chamaria para mim redenção!”

e que já estivemos aqui eternas vezes, e todas as coisas conosco” (*Za/ZA III, O convalescente 2, KSA 4.276, trad. RRTF*).

## V.

A passagem que acabamos de citar chama a nossa atenção sobre um aspecto importante do pensamento nietzschiano do eterno retorno: a repetição de todos os acontecimentos. Nos textos que examinamos até o presente momento, quer se trate de passagens de *Assim falava Zaratustra* ou do parágrafo 341 da *Gaia Ciência*, esse aspecto está sempre presente. É na ideia do eterno retorno do *mesmo* que Nietzsche insiste. Ela aparece com clareza na seção intitulada “O convalescente”. Nela, os animais de Zaratustra põem na sua boca as palavras que seguem:

“E se agora quisesses morrer, Zaratustra, nós sabemos também o que dirias a ti mesmo [...]. Retornarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente - não para uma vida nova, uma vida melhor ou semelhante. Retornarei eternamente para esta mesma e idêntica vida, nas coisas maiores e também nas menores, para ensinar outra vez o eterno retorno de todas as coisas” (*Za/ZA III, O convalescente 2, KSA 4.276, trad. RRTF*).

O que se repete é o que ocorre de fato – e não o que eventualmente poderia ocorrer. São os acontecimentos reais que retornam – e não os eventos logicamente possíveis. Mais ainda: o que se repete é a série inteira de acontecimentos – e não um ou outro evento isolado. É “o grande ano do vir-a-ser” que retorna – e não um período histórico determinado. Não se trata, pois, da reincidência de padrões ou modelos nem da volta de acontecimentos similares ou simulacros das coisas. Contundente, o pensamento nietzschiano afirma o eterno retorno do *mesmo*; assevera que este momento que estamos vivendo já se deu e voltará a dar-se um número infinito de vezes *exatamente* da mesma maneira como se dá agora.

Marton, S.

Zaratustra não se lembra de ter sido o mestre do eterno retorno – nem poderia lembrar-se; são seus animais que o advertem a esse respeito. A revelação não lhe chega como reminiscência ou sensação de *déjà vu*; ela é nova, inesperada, surpreendente até. Para que o pensamento do eterno retorno do mesmo faça sentido, ele tem de admitir que dele já se esqueceu um número infinito de vezes, que já foi tomado por ele nos ciclos anteriores – e voltará a ser nos posteriores. Essa ideia é sugerida num fragmento póstumo do outono de 1883, quando Nietzsche estava elaborando a terceira parte de *Assim falava Zaratustra*. Lá, podemos ler:

Tudo vai e passa - tudo volta – e volta até mesmo o ir e passar. Este agora já foi – já foi inúmeras vezes. Esta doutrina ainda nunca foi ensinada. Como? Inúmeras vezes ela já foi ensinada – inúmeras vezes Zaratustra a ensinou<sup>48</sup>.

Na passagem de uma série de acontecimentos a outra, ninguém conte com evolução ou progresso, ninguém suponha alteração ou mudança, ninguém espere sequer continuidade. Nada se mantém – muito menos a memória ou a consciência. Por sua origem biológica, a consciência não passa de “um meio de comunicabilidade”, “um órgão de direção” (*Nachlass/FP* 1887-1888, (372) 11 [145], KSA 13.68). Surgindo da relação do organismo com o mundo exterior, relação que implica ações e reações de parte a parte, ela não constitui, como a maioria dos filósofos supôs, o traço distintivo entre homem e animal. No embate com o meio, os seres vivos, homens e animais, munem-se de órgãos que lhes facilitam a sobrevivência; a consciência é apenas um deles. Por sua proveniência gregária, a memória nada mais é do

---

48 *Nachlass/FP* 1883, 18 [14], KSA 10.570. Essa ideia é retomada praticamente nos mesmos termos na seção “O convalescente” 2, onde os animais de Zaratustra lhe dizem: “Para os que pensam como nós, todas as coisas dançam; vêm e dão-se a mão e riem e fogem – e voltam. Tudo vai, tudo volta; eternamente roda a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce; eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se rompe, tudo se recompõe; eternamente se constrói a mesma casa do ser. Tudo se despede, tudo volta a saudar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser” (*Za/ZA*, “O convalescente” 2, KSA 4.272s).



que “um ativo *querer-não-mais-livrar-se*”, “um continuar-querendo o que já quis” (*GM/GM*, II, 1, KSA 5.292). Ela não corresponde a uma impossibilidade passiva de esquecer o passado, desfazer-se de lembranças, libertar-se de recordações. Ligada às origens da responsabilidade, a memória assegura a cadeia que une o querer ao ato, garante que o indivíduo se torne capaz de prometer. Efêmeras, memória e consciência surgem em determinado momento do ciclo cósmico, duram certo tempo e desaparecem.

Não é nos limites estreitos da história humana que o eterno retorno tem lugar – e sim na infinitude do tempo. Se a memória procura preservar as experiências de uma vida, a história, memória milenar e coletiva, deveria ser depositária das experiências da humanidade. Considerada uma ciência, ela superaria a inteligibilidade dos acontecimentos; encarada como um domínio específico do saber, tentaria criar um mundo conhecido e estável. Mas, comparada aos ciclos cósmicos, o que ela representaria? Para responder a essa questão, nada melhor do que dar uma vez mais a palavra aos animais de Zaratustra:

“Tu ensinas que há um grande ano do vir-a-ser, uma monstruosidade de grande ano: este, igual a uma ampulheta, tem de se desvirar sempre de novo, para de novo transcorrer e escorrer: – de modo que todos esses anos são iguais a si próprios, nas maiores coisas e também nas menores” (*Za/ZA III, O convalescente 2*, KSA 4.276, trad. RRTF).

Não hesitamos, pois, em afirmar que o pensamento nietzschiano do eterno retorno do mesmo tem caráter suprahistórico.

Formulando seu “pensamento abissal”, Nietzsche desautoriza as filosofias que supõem uma teleologia objetiva governando a existência, desabona as teorias científicas que presumem um estado final para o mundo, desacredita as religiões que acenam com futuras recompensas e punições. Recusa a metafísica e o mundo suprassensível, rejeita o mecanicismo e a entropia, repele o cristianismo e a vida depois da

morte. Enunciando o pensamento do eterno retorno do mesmo, insiste na necessidade de suprimir os dualismos. Essência *versus* aparência, imutabilidade *versus* transformação, eternidade *versus* mudança, em suma, todas as velhas dicotomias da metafísica devem cair por terra. Postulando a homogeneidade de todos os acontecimentos, recusa-se a conceder ao homem um lugar privilegiado e, pelo mesmo movimento, concebe-o como parte integrante de tudo o que ocorre.

É à luz dessas considerações que teremos de retomar pela última vez a seção “O convalescente” da terceira parte de *Assim falava Zaratustra*. Interpelando o protagonista, a águia e a serpente colocam na sua boca estas palavras:

“Agora morro e desapareço”, dirias, “e num instante não serei mais nada. As almas são tão mortais quanto os corpos. Mas o nó das causas em que sou tragado retornará – e de novo me criará! Eu próprio faço parte das causas do eterno retorno” (*Za/ZA III, O convalescente 2, KSA 4.276*).

Negando a oposição entre *ego* e *fatum*, Nietzsche sustenta que o ser humano partilha o destino de todas as coisas. Amar o destino não implica adotar uma atitude resignada ou submissa. Mas tampouco permite que dele se tente excluir o que quer que seja. Amar o destino é aceitar tudo o que há de mais terrível e mais doloroso, mas também tudo o que há de mais alegre e exuberante na vida; em suma, é afirmar de modo absoluto e incondicional tudo o que ocorre. E não há afirmação maior da existência que a afirmação de que tudo retorna um número infinito de vezes.

## VI.

No *Ecce Homo*, Nietzsche assevera sem nenhuma hesitação que a concepção básica de *Assim falava Zaratustra* consiste no “pensamento do eterno retorno, essa fórmula suprema de afirmação a que se pode chegar” (*EH/EH, Assim falava Zaratustra I, KSA*

6.335). Ao final da nossa investigação, estamos em condições de concluir que essas linhas não são fruto de um defeito inerente a toda visão retrospectiva; elas tampouco se devem a objetivos estratégicos que o filósofo perseguiria no momento em que as escreveu. Neste caso preciso, quando se exprime em 1888 acerca de *Assim falava Zarathustra*, esse livro com três partes, elaborado entre 1883 e 1884, Nietzsche permanece fiel ao que efetivamente realizou no momento de sua elaboração.

**Abstract:** In *Ecce homo*, Nietzsche states that the basic conception of *Thus spoke Zarathustra* consists on “the idea of eternal recurrence, the highest formula of affirmation that can possibly be attained”. Taking as point of departure the analysis of the different parts of this book, first of all we intend to define the place of the thought of eternal recurrence. Establishing the relation of this thought with the notion of overman, the concept of will to power, the project of transvaluation of the values, and the idea of *amor fati*, we plan to examine the way Nietzsche conceives it in *Thus spoke Zarathustra*. Then we aim at evaluating to which extent the thought of eternal recurrence consists on the highest acceptance of the world as it is.

**Keywords:** Zarathustra - eternal recurrence - overman - will to power - transvaluation of the values - *amor fati*.

## Referências bibliográficas

MARTON, S. “Nietzsche et sa recherche d’interlocuteurs: une analyse du prologue d’*Ainsi parlait Zarathoustra*”. In: DENAT, C.; Wotling, P. (orgs.). *Nietzsche. Un art nouveau du discours*. Reims: Épure, 2013, p.81-101.

\_\_\_\_\_. “Nietzsche: la obra hecha y la obra todavía por hacer”. In: *Estudios Nietzsche 2* (2002), p.181-203.

\_\_\_\_\_. “À la recherche d’un critère d’évaluation des évaluations. Les notions de vie et de valeur chez Nietzsche”. In: DÉNAT, C.; Wotling, P. (orgs.). *Les hétérodoxies de Nietzsche. Lectures du Crépuscule des idoles*. Reims: Épure, 2014, p.321-342.

Marton, S.

\_\_\_\_\_. “L'éternel retour, le temps et l'histoire”. In: BINOCHE, B.; Sorosina, A. (orgs.). *Les historicités de Nietzsche*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2016, p.105-126.

\_\_\_\_\_. “‘La nuova concezione del mondo’: volontà di potenza, pluralità di forze, eterno ritorno dell'identico”. In: BUSELLATO, S. (org.), *Nietzsche dal Brasile. Contributi alla ricerca contemporânea*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.21-40.

\_\_\_\_\_. “L'éternel retour du même: thèse cosmologique ou impératif éthique?”. In: *Nietzsche-Studien* 25 (1996), p.42-63.

\_\_\_\_\_. “Ainsi parlait Zarathoustra : l'œuvre à la fois consacrée et reniée”. In: CAMPIONI, G.; Ciamarra, L. P.; Segala, M. (orgs.). *Goethe, Schopenhauer, Nietzsche. Saggi in memoria di Sandro Barbera*. Pisa: Edizioni ETS, 2011, p.481-498.

\_\_\_\_\_. “Nietzsche e o problema da linguagem. A crítica enquanto criação”. In: LIMA, M.; ITAPARICA, A. (orgs.). *Verdade e Linguagem em Nietzsche*. Salvador: EDUFBA, 2014, p.15-41.

\_\_\_\_\_. “Le problème du langage chez Nietzsche. La critique en tant que création”. In: *Revue de métaphysique et de morale* 2 (avril 2012), p.225-245.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1986.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Col. “Os Pensadores”).

Artigo recebido para publicação em 21/06/2016.

Artigo aceito para publicação em 18/08/2016.